



## A POÉTICA DO ESPAÇO DA INFÂNCIA EM MANOEL DE BARROS

Elaine da Silva Carvalho Donato<sup>1</sup>  
Ricardo Martins Valle<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A presente proposta de trabalho apresenta uma discussão acerca do “espaço da infância”, na obra poética de Manoel de Barros (1916-2014), especialmente no livro *Exercícios de Ser criança* (1999), a partir da consideração desta temática sobretudo nas obras finais de Gaston Bachelard (1884-1962), particularmente *A Poética do Espaço* (1957) e *A Poética do Devaneio* (1960), mas atravessando também, outras obras do filósofo francês como *A água e os Sonhos* (1942) e tendo como fundo os estudos de Janusz Korczak (1929-1984) e Sigmund Freud (1988) dentre outros, para se pensar a infância. Com Bachelard e Barros, pensamos a infância como condição de existência mediante a qual o adulto entra no mundo. As imagens poéticas presentes na obra de Manoel de Barros, atestam a manifestação da infância como estado durável, imóvel, que permite ao homem o reencontro com sua natureza primitiva, ontológica. Ao fazer sua escrita afeita à linguagem da criança, permeada de construções linguísticas de cunho infantil, que aproximam o poeta e brincar, seu exercício poético se faz ludicamente como um jogo a propor um certo modo de ser no mundo e uma determinada concepção de linguagem. Com isso, busca uma aproximação da *alma* da criança e um distanciamento do *espírito* do adulto, conforme as distinções de Bachelard (1960, p.01-26). Destarte, nosso objetivo é fazer uma reflexão teórica que aborda a infância como condição subjetiva fundamental e espaço de criação poética, livre das centralizações, totalizações e hierarquizações do universo adulto, reavivada pelo texto poético através das experiências imaginárias, pois só a linguagem dos poetas é capaz de colocar o adulto novamente em sintonia com o estado de permanente maravilhamento, intrínseco à natureza infantil.

1 Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB, Campus Vitória da Conquista) e tem como objeto de pesquisa, a temática da infância na poética de Manoel de Barros (1916-2014). Endereço eletrônico: lanedonato@hotmail.com

2 Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: rimavalle@yahoo.com.br



## EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A presente proposta tem como principal fundamento os estudos de Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço* e *A poética do Devaneio*. O objetivo é navegar entre os devaneios poéticos da filosofia de Gaston Bachelard e descortinar a *infância sonhada*, que na teoria do filósofo francês, é acessada por meio do devaneio poético e, através da memória, ultrapassa a categoria temporal tomando o espaço como centro de referência.

A infância bachelardiana é afeita a diálogos e escutas, silêncios e solidões. É ativa, criadora. É naturalmente poética. Nas *Poéticas do Devaneio* e *do Espaço*, Bachelard sutilmente nos dá indícios de que apesar da infância não ser inteiramente feliz, são os momentos felizes, os momentos sonhados, os momentos de solidão do ser consigo mesmo que importam para a sua teoria poética. Em Bachelard, a criança é a figura central de entrada do ser no mundo. É o ser cósmico em totalidade, o ser capaz de aflorar os sentidos tal como o sujeito humano tem capacidade de conhecer.

É para essa infância sonhada, cósmica, poética, que Manoel de Barros nos transporta em seus poemas. É ela que nos interessa, haja vista que a proposta filosófica de Bachelard é consonante à poética de Manoel de Barros, já que o universo poético manoelino esteia-se ludicamente nas construções linguísticas de cunho infantil, que aproximam o ato criativo do poeta à brincadeira da criança. Assim como a filosofia final de Gaston Bachelard, a obra de Manoel de Barros faz da infância fundamento da compreensão da linguagem e da existência humanas, um espaço de memória e criação que, ao ser acessado pelo devaneio poético, salva o adulto do metafísico, do transcendente, e lança-o na imanência muito sensorial e livre do olhar da criança.

## DISCUSSÃO

Diferentemente dos conceitos tradicionais da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento, que compreendem a infância como uma categoria temporal, no presente trabalho a infância é estudada como categoria de espaço, trata-se de “uma *infância imóvel*, uma *infância sem devir*, liberta da engrenagem do calendário.” (BACHELARD, 2009, p.111).



Espaço de memória, que acessado através da linguagem poética, torna-se um espaço de rememoração da própria infância e também lugar poético e criativo.

Como período da vida em que a existência ainda não foi corrompida pelo toque hierarquizado do mundo, a infância sonha com os fundamentos da vida material. Tem curiosidade pelas origens. Vasculha as coisas ínfimas, os resíduos, os seres e a vida por imagens, pela via dos sentimentos mais do que pelos conceitos pré-estabelecidos de maneira arbitrária e abstrata. A criança é o único ser que conhece a liberdade do pensamento não-verticalizado, o ser que possui o “espírito democrático”, como afirma o pedagogo polonês, Janusz Korczak (1984, p. 27).

A maneira como a criança compreende o infinito e o ser, por intermédio do ínfimo e o modo descontraído de lidar com a finitude de cada coisa, estabelecendo um só sentimento de comunhão com todas as coisas e seres que existem, revelam a forma poética com a qual a criança descobre a vida — quando toca as origens, de forma desavisada, espontânea, sem hierarquias. Esse toque leve, livre de amarras, é o que faz a infância permanecer num constante estado de ingenuidade. Não aquela ingenuidade simplória, desatenta, mas a ingenuidade daqueles que conseguem sentir o gosto do primitivo em todas as coisas.

Essa ingenuidade, inerente à natureza infantil, parece ser o passaporte para um imaginário fértil que emana criatividade. A magia que o habita e o torna tão fluído e concreto reside na habilidade de maravilhar-se perante o mundo. A infância é imensamente poética porque suas experiências buscam retornar continuamente às origens. E em Manoel de Barros, fomenta a invenção, o devaneio. Possibilita por meio da brincadeira com as palavras e da força lúdica da linguagem, o questionamento, a comunhão com o cosmo e com o ser em profundidade. O poeta renova a linguagem, escava a palavra atrás “de seus clamores antigos”, até chegar ao seu estado primordial, despreendida dos veios academicistas. Quando se tocam as origens da palavra, nessa busca constante do estado da infância, a poesia faz ressoar não só a potência poética da linguagem, mas também a do ser.

Reinventar a infância através da poesia é, então, um gesto cósmico de retorno às origens: “os poetas nos arrastam para cosmos incessantemente renovados.” (BACHELARD, 2009, p. 24). E esse poder de renovação cósmica atribuído à poesia está na base do que Bachelard chama de “uma filosofia ontológica da infância”, que põe de parte o caráter durável da infância. (2009, p. 20).

Para Bachelard, a infância está diretamente ligada ao princípio da vida. É sempre possibilidade de origem, “permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar” (BACHELARD, 2009, p. 119). Da



mesma forma, Barros, através do ato instaurador da escrita poética, concebe a infância como estado perpétuo, fazendo dela uma infância potencialmente permanente, e conforme Bachelard (2009, p.95), “um germe de poema”.

Essa potência poética do espaço da infância anunciada nas obras filosóficas de Gaston Bachelard (1988, 1990, 2009, 2013) é consonante a toda obra poética de Manoel de Barros. Tratamos aqui, particularmente do livro *Exercícios de Ser Criança* (1999), que é composto por três poemas enlaçados por um tema comum — o poder imaginativo da criança sobre a linguagem. Os poemas tratam do exercício poético visto através do brincar. No primeiro, define-se a criança como ser-poético, capaz de desequilibrar a linguagem com conjecturas até então, inimagináveis para a racionalidade adulta, mais afeita à praticidade do que à imaginação. A criança é o ser capaz de se harmonizar com todas as coisas e manter com elas uma relação livremente democrática, ou melhor, desierarquizada.

O livro *Exercícios de Ser Criança* (BARROS, 1999), desde o título, sugere ao leitor uma aproximação entre infância e poesia enquanto dimensões contínuas da existência humana, como extensão ou contraface uma da outra. O próprio título, contudo, dá indícios de uma fratura que pela poesia se quer reconstituir.

Não são “exercícios infantis”, “exercícios *de* crianças”, ou “*para* crianças”. Não se trata de uma subordinação genitiva ou dativa do substantivo “criança”, em que a criança torna-se objeto de um registro de observação adulta ou alvo de uma pedagogia. Trata-se de exercícios *de ser* criança. Não falam *delas*, nem *para elas*, mas a partir delas, como de uma espécie de núcleo ôntico. A criança, contudo, não é também o sujeito dessa enunciação poética, assim como essa poética não pretende fazer da criança sujeito de conhecimento algum: a criança é um modo de existir, uma modalidade de ser, que, na poesia de Manoel de Barros como na filosofia de Bachelard, se deseja recuperar.

## CONCLUSÃO

Manoel de Barros (2013) além de dar à infância lugar central na sua poesia, toma-a como dimensão subjetiva que acompanha o adulto em toda a sua existência. E nesse sentido, sua poética se aproxima da filosofia bachelardiana. Para Gaston Bachelard (1988), nossas lembranças de infância nos transportam para um núcleo de infância, centralizado na psique humana, onde as dimensões do ser e da poesia são evidenciadas. Esse núcleo, latente em nós, une dialeticamente, numa só intimidade, memória e imaginação e faz da



infância um signo de eterno retorno.

Como condição subjetiva, a criança, ou o ser criança, é um espaço-tempo absoluto, e perdido para o adulto. Mas não definitivamente. Um tempo que se pode buscar, como nos anuncia o poeta no livro *Exercícios de Ser Criança* (BARROS, 1999): por meio de exercícios, exercícios de ser. Algo no título indica, pois, que os textos que compõem o livro põem a criança no cerne de uma ontologia, no centro de uma busca existencial. Uma dialética inversa em que, ao invés de se buscar ascender a um Ente infinito como nas ontologias de caráter teológico que constituíram espiritualmente o assim chamado Ocidente, busca-se descender ao finito transitório na eternidade do presente.

A poética da infância de Manoel de Barros parece ser assim, um esforço de reconstituição da substância do mundo, um exercício de reativação da liberdade dos sentidos, entorpecidos pelas demandas do “amadurecimento” intelectual que, sempre com algum grau de violência, física ou simbólica, expulsam a criança do seu espaço. Quando retomamos a posse desse território perdido, por meio do devaneio e da poesia, reocupamos o espaço de um mundo esvaziado, de um vazio muitas vezes sentido e reportado pela criança latente em toda alma humana.

**Palavras-chave:** Manoel de Barros. Poesia brasileira; Poética moderna. Infância.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. Trad. Antônio da Costa Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. In: **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. IX, p. 131-143. (Edição Standard



# XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).